

PROCESSO DE (RE)CRIAÇÃO ENTRE A VENTANIA DA BIPOLARIDADE E A BRISA DO BUDISMO

PROCESS OF (RE)CREATION BETWEEN THE GALE OF BIPOLARITY AND THE BREEZE OF BUDDHISM

100

Janyelson Firmino Fernandes Barbosa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9326-499X>

DOI: 10.21680/2595-4024.2024v7n2ID37837

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever um processo criativo de um ator que vive com o Transtorno Afetivo Bipolar, tendo como referência a autobiografia de Kay Redfield Jamison (1996), psicóloga clínica que também vive com o TAB, e investigando como o sua própria vida como pessoa com bipolaridade cria interferências em seu modo de criar artisticamente, do mesmo modo como a sua prática artística interfere em seu cotidiano. Guiado metodologicamente pela Prática como Pesquisa, estudada profundamente por Ciane Fernandes (2015), o pesquisador segue sua intuição e trilha um caminho de autodescoberta, na qual os estudos da performance como transformação do sujeito, explanadas por Cassiano Sydow Quilici (2015), o levam a uma experiência com a paz interior do budismo, explicado por Lama Samten (2001). A pesquisa pousa na sabedoria de que para se transformar o mundo deve-se transformar primeiro a si mesmo.

Palavras-chave: Transtorno Afetivo Bipolar. Processo criativo. Teatro Performativo. Budismo. Prática como pesquisa.

Abstract

This article aims to describe the creative process of an actor who lives with Bipolar Affective Disorder, using as reference the autobiography of Kay Redfield Jamison (1996), a clinical psychologist who also lives with ABD, and investigating how her own life as a person with bipolar disorder interferes with her way of creating artistically, in the same way that her artistic practice interferes with her daily life. Methodologically guided by Practice as Research, studied in depth by Ciane Fernandes (2015), the researcher follows his intuition and follows a

path of self-discovery, in which studies of performance as a transformation of the subject, explained by Cassiano Sydow Quilici (2015), lead him to an experience with the inner peace of Buddhism, explained by Lama Samten (2001). The research is based on the wisdom that in order to transform the world, one must first transform oneself.

Keywords: Bipolar Affective Disorder. Creative process. Performative Theater. Buddhism. Practice as research.

BIG BANG: O COMEÇO

O começo começa onde? Como diria Tulipa Ruiz em sua canção chamada “Old Boy”: “não tem fim nem começo”. O tempo ensina que o tamanho do oceano é medido pelo alcance do horizonte no olhar. Um processo criativo em arte é sempre uma criação de um universo. E em uma perspectiva neurodivergente de uma pessoa vivendo com bipolaridade, o desabrochar de algo tão sensível como uma obra artística pode ser tão catastrófico como a explosão de um Big Bang.

Um começo dentro do meio foi o início do meu projeto de pesquisa de mestrado, iniciada em 2022 e orientada pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek¹. Inicialmente, ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRN, o principal objetivo da minha pesquisa era investigar o ator como enunciador da cena através da autodireção e da criação de partituras corporais e vocais. Com o tempo, os ventos da minha curiosidade científica e artística foram mudando de direção. Não hesitei em voar com ele. Segui o cheiro da minha intuição, elemento fundamental nos processos de criação segundo o pensamento de Fayga Ostrower (1993).

As diversas opções e decisões que surgem no trabalho e que determinam a configuração em vias de ser criada, não se reduzem a operações dirigidas pelo conhecimento consciente. Intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhes damos uma forma (OSTROWER, 1993, p. 10).

Percebi que os conceitos que eu trazia para meu antigo projeto de pesquisa guardavam em si sempre dois lados de algo: o ator e o diretor dentro

da autodireção, as nuances dos parâmetros do som e os fatores do movimento, conceito criado por Rudolf Labanⁱⁱ, como forte e fraco (intensidade) e leve e pesado (força)... Além disso, ao estudar os temas das disciplinas do mestrado, meus dois olhos convergiram em diversos binômios presentes tanto na prática da metodologia científica quanto pesquisa artística. Aqui estão alguns desses binômios:

- Teoria-prática
- Pensamento-experiência
- Científico-artístico
- Pesquisa-processo
- Rigor-leveza
- Pesquisador-objeto
- Imparcialidade-pessoalidade
- Geral-pessoal
- Outro-eu
- Distanciamento-imersão

Minha visão sempre dividida em dois olhos me fez olhar para dentro. E quando mergulhei no meu espelho encontrei em mim a bipolaridade. Sou diagnosticado com o Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) tipo I desde 2016 quando tive meu primeiro surto maníaco. Sempre fui ciente de que o transtorno afetava todas as áreas da minha vida como estudos, amor, trabalho, família... Kay Redfield Jamison, que é psicóloga clínica estadunidense, bipolar e especialista no TAB, afirma em sua autobiografia que “não raramente as fronteiras entre transtorno e identidade podem sim ser borradas.” (JAMISON, 1996, p.44).

O Transtorno Bipolar (TB) é uma patologia psiquiátrica crônica, caracterizada por alterações do estado de humor, podendo contribuir para o seu desenvolvimento vários fatores, tais como os: neuroquímicos, cognitivos, psicológicos, funcionais familiares, socioeconômicos genéticos. Este transtorno é conhecido como mania

e depressão devido a uma desordem do cérebro, capaz de alterar o estado mental do indivíduo, fazendo com que o mesmo sofra em suas atividades cotidianas. (GOMES, 2015, p.4)

O começo da minha pesquisa de mestrado, como um buraco de minhoca, me teletransportou para o começo da minha história com o Transtorno Afetivo Bipolar. Esses saltos interestelares na malha do espaço e tempo das memórias, sensações, pensamentos e práticas permeiam toda a minha pesquisa, se consolidando como uma das principais características metodológicas.

ÓRBITAS INVISÍVEIS: METODOLOGIAS E ARTESANIAS

Denck (2017) aponta que existem muitos artistas que convivem ou conviveram com transtornos mentais. No meu caso, os episódios maníacos potencializam minha criatividade e expressão artística. D'Ottaviano (2005), em sua pesquisa, cita diversos estudos científicos de pesquisadores como Nancy Andreasen (1971), Kay Redfield Jamison (1983), Hagop Akiskal (1982) demonstrando que pessoas neuroatípicas, principalmente com o Transtorno Afetivo Bipolar, tem maior predisposição a serem mais criativas do que pessoas com nenhum transtorno. Camila Farani (2021), em uma matéria para para a Forbes, descreve como as características de pessoas neuroatípicas podem ser canalizadas como ferramentas positivas trabalho, o que inclusive aumenta a autoestima da comunidade neurodivergente.

Considerando minha condição de pessoa com bipolaridade (e suspeita de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), proponho para a pesquisa em artes cênicas uma perspectiva neurodivergente: não-linear, sem objetivos precisamente delineados, performática, mutante.

Visto que o objeto de pesquisa proposto inicialmente mudou no primeiro semestre do curso, busquei uma nova base metodológica que pudesse soar harmônica a esta perspectiva neurodivergente e que considere minha condição como uma pessoa que vive com a bipolaridade. Encontrei na Prática como Pesquisa um caminho metodológico fluido e leve e que usa minha criatividade e

curiosidade como ponto de partida. Nesta metodologia, muito bem fundamentada por Ciane Fernandes (2015), a prática é o que inicia e conduz a pesquisa. Nela, o estudo não começa exatamente partindo de um “problema” e sim de um “entusiasmo”. Sendo assim, a pesquisa seguiu um entusiasmo, uma vontade, uma curiosidade, e não exatamente um objetivo ou um problema.

Também me deixei levar ao sabor do vento, vivendo a pesquisa em uma lógica próxima ao que Silvia Patrícia Fagundes (2010) descreve, ao relacionar a teoria do caos aos processos de criação, defendendo uma pesquisa em artes cênicas que seja não-linear, descontínua, atuante e observadora de si, aberta às interferências do acaso e ao descontrole, assimétrica e contraditória e com sua criação fundamentada do desequilíbrio.

O laboratório cênico também foi uma ferramenta metodológica muito importante para guiar meu processo de descobertas durante essa jornada.

Laboratório, nas artes cênicas, pode ser definido como “exercícios práticos e experimentais de criatividade nos quais atores ou estudantes de teatro criam personagens e situações e desenvolvem emoções, preparando-se para o papel ou personagem a ser representado; oficina, workshop” ou o “lugar onde esses exercícios são feitos” (SCIALON, 2021, p. 3).

Minha escrita, nesse processo, flerta com a escrita performática que Luciana Lyra (2020, p. 4) descreve sendo “composta binariamente por uma vontade documental e uma vontade poética-literária”. Mantendo algumas características da performance ao escrever, como o corpo presente, a quebra de expectativa, a hibridização de linguagens, como aponta Irma Caputo (2023), embaralhei as páginas dos meus diários de bordo entre estudos, relatos de laboratórios, confissões pessoais e escritos poéticos, os tornando uma ferramenta metodológica na minha pesquisa, assim como os “diários sensíveis” no conceito de Thulho Siqueira (2019).

CIO DA TERRA: O PROCESSO CRIATIVO DE ESPECTRO

Após alguns laboratórios cênicos no processo de remontagem do Espetáculo Revoada do Grupo Arkhétupos de Teatro no primeiro semestre de 2022 e de alguns laboratórios cênicos em autodireção no segundo semestre do mesmo ano, minha intuição de pesquisador e artista farejou o caminho de volta para um processo criativo parido no semestre de 2016.2 e posto de volta para dentro de uma barriga empoeirada como uma gaveta durante todos esses anos. Revoada falava sobre o elemento “ar” e minhas pesquisas cênicas em laboratório investigavam como acontecia a relação entre o meu transtorno e minha prática artística. Irremediável como um cometa, o processo criativo de *Espectro* entrava em órbita novamente, agora da minha pesquisa de mestrado.

O *Espectro* é um espetáculo performativoⁱⁱⁱ que nasceu em 2016 durante a disciplina de “Atuação III”, ministrada em 2016.2 pelo professor Robson Haderchpeck enquanto cursei a graduação de Licenciatura em Teatro na UFRN. Na referida disciplina, estudamos o Teatro Ritual^{iv} e a poética dos elementos^v, os quais moldaram o processo de criação de *Espectro*. Na mesma época, concomitante à minha criação artística, vivi meu primeiro surto de bipolaridade, num quadro de mania que, dentro de vários sintomas, se apresentam o aumento de energia e a alta produtividade. Tal momento tão caótico, explosivo e inesperado na minha vida acabou influenciando a minha arte. A seguir, é possível perceber oscilações de humor representadas grafica e involuntariamente através do contraste entre uma escrita mais contida e outra mais expansiva em meu caderno “*Espectro*” durante o início do processo criativo no semestre de 2016.2.

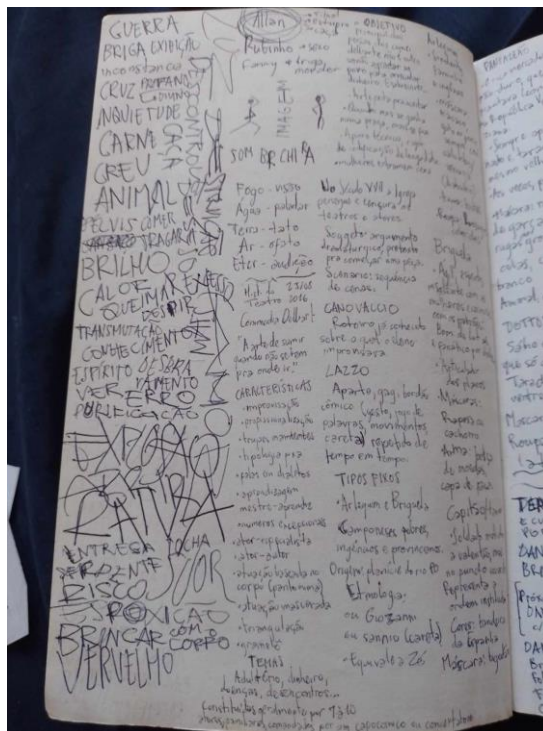


Figura 1: Trecho do meu caderno “Espectro” que registra uma aula sobre o elemento fogo.

Usando como matriz principal uma imagem de um dente-de-leão voando em um céu amarelo e tendo como principal elemento o “ar” (além de outras inspirações como a cena da sacola voando do filme *Beleza Americana*^{vi} assim como as sondas *Voyager*^{vii} 1 e 2), o *Espectro* busca contemplar todo o furacão de pensamentos, sensações, memórias e sentimentos que vivenciei naquele primeiro surto e que, de certo modo, sempre pairaram sobre mim durante toda a minha existência. O *Espectro* fala sobre o silêncio e o barulho, a vida e a morte, o caos e a ordem, o homem e a mulher, o sim e o não, a criação e a destruição, a luz e a escuridão. O *Espectro* é um mito de criação: da vida, da arte, do universo.

Em julho de 2023, ao retomar este processo criativo em minha pesquisa de mestrado, revivi e resignifiquei todo o processo, além de trazer novas matrizes para o trabalho, como quadros de Vincent Van Gogh e músicas de Ludwig Van Beethoven, escolhidos por mim pelo motivo de haverem rumores

de que ambos artistas viveram com o Transtorno Afetivo Bipolar (DENCK, 2017) assim como eu

Intuitivamente, fui percebendo alguns pensamentos que pairavam fortemente sobre meu processo de criação, seus signos e sua poética. Com paciência, contemplei o tempo me mostrar (e até hoje descanso nessa contemplação), as noções de silêncio, impermanência (anicca), não-eu (anatta) e sofrimento (dukkha). Escutei a presença de uma voz consonante à filosofia budista. Os ventos me arrastavam para uma nova direção.

UM ABRAÇO DE UM HOMEM SÓ: RETIRO BUDISTA NO CEBB DARMATA

Esta pesquisa tomou um novo fôlego após a leitura do livro “O ator-performer e as poéticas de transformação de si” de Cassiano Sydow Quilici. Neste livro, o autor evoca a ideia de “cuidado de si”, presente em filosofias da Antiguidade Clássica, onde é possível se transformar como sujeito através do autoconhecimento. Na mesma publicação, Quilici (2015) cita como práticas contemplativas e meditativas, assim como pensamentos e espiritualidades do Oriente, influenciaram a arte e a vida de diversos performers da arte contemporânea. A identificação com toda esta leitura me provocou uma transformação.

A posteriori, assumi uma posição crítica em relação às várias imagens construídas sobre o Oriente do ponto de vista ocidental, incluindo neste questionamento meu próprio ponto de vista, considerando os estudos de Said sobre o Orientalismo (JR; ALMEIDA; LIMA, 2013), termo que se refere a visão que o Oriente tem sobre o Ocidente. Contudo, concordo com Santos (2019) ao resenhar sobre o livro “Lugar de Fala” de Djamila Ribeiro e reconheço minha fala como uma voz situada em um espaço, tempo, sociedade e cultura. Sou um ocidental com pouco tempo de prática e estudo no budismo, mesmo desde cedo assumindo o compromisso de me aprofundar nesses temas. Por outro lado, isto

não me impede de abordar estes assuntos, pois “a representatividade não pode essencializar o debate político” (SANTOS, 2019, pag. 361).

Depois de experimentar todos os laboratórios cênicos já citados, percebi que a minha arte deveria transpassar a minha vida, assim como em 2016 a minha vida atravessou a minha arte no processo criativo de *Espectro*. Pensando em borrar as fronteiras entre a vida e a arte, em um contexto de arte contemporânea, me refiz como sujeito ao mudar hábitos e mentalidades na minha rotina: iniciei uma dieta vegetariana, excluí o aplicativo do Instagram e desativei minha conta e passei a frequentar reuniões do Centro de Estudos Budistas Bodisatvas^{viii} de Fortaleza. Alguns desses hábitos, como o de não comer carne ou não usar redes sociais, só consegui manter por alguns meses. Entretanto, ainda tento manter, mesmo que esporadicamente, uma frequência às reuniões do CEBB e ainda me considero budista até o momento da escrita deste artigo.

No final de 2023, o CEBB Darmata, situado na zona rural da cidade de Timbaúba/CE, organizou um retiro de réveillon de quatro dias. Com o título de “Um sopro de paz” e um dente-de-leão no cartaz de divulgação, aquele momento parecia perfeito para vivenciar ideias e anseios já latentes em minha prática artística. Voei para longe de tudo. Me juntei a um bando em busca da paz.

Durante o retiro, pudemos meditar, entoar mantras, proferir preces, caminhar em silêncio em meio a mata no escuro da noite e dançar descalços livremente no templo. Descrevi todos os dias do retiro em meus diários sensíveis e, assim como os próprios diários embaralhavam suas páginas entre minha arte e minha vida, encarei esse momento como uma oportunidade de autoconhecimento e investigação artístico-acadêmica.

Logo nos primeiros dias do evento, reencontrei um velho conhecido que coincidentemente assistiu um dos ensaios abertos que fiz do *Espectro* no Departamento de Artes da UFRN em 2016. Assim como eu, ele também era artista. Faziam muitos anos que eu não o via. O que foi intrigante para nós foi

ele ter demorado para me reconhecer e, mesmo tendo me reconhecido depois, me perceber como um sujeito extremamente transformado.

Ele via o “antigo Firmino” como um furacão, com raios e trovões, e o “novo Firmino” emanava uma brisa leve de serenidade, paz e equanimidade. Ao reconhecer a mudança em mim, ele me conta que também mudou. Durante um passeio à luz do crepúsculo em meio às colinas, compartilhamos as nossas próprias experiências que, embora singulares, eram deveras próximas. Concordamos do quanto que a mesma arte capaz de curar também pode nos adoecer. Confessamos um para o outro nossas narrativas de adoecimento causadas pela arte e a nossa busca implacável de “fazer e acontecer”.

Fui dando conta da minha própria transformação ao perceber que, por muito tempo, priorizei o teatro na minha vida. Na busca de “viver da arte” eu “vivia a arte”, mas de um jeito em que eu não me permitia viver a minha própria vida. Para dar conta de estudar, trabalhar e apreciar tudo na arte, muitas vezes, eu não dormia bem, não comia bem, não me exercitava e nem me permitia outras opções de lazer. Atribuo a esse contexto uma parcela do desencadeamento do meu primeiro surto psicótico.

Ao me aproximar do budismo, fui compreendendo como a nossa identidade é efêmera e como fixá-la em algo impermanente abala minha paz de espírito. Esses conceitos podem ser entendidos pelos termos “anatta”, que representa a ausência de um eu, “annica”, que explica que tudo no universo está em constante mutação, e “dukkha”, que compreende a impermanência como causadora do sofrimento. (BEISERT, 15DC) Por um longo período, fixei minha identidade no teatro. Acreditava que minha razão de viver era estar em cena. Essa realidade me parecia imutável, até que um dia ela mudou. Durante o retiro, experienciei a dor que é aceitar a mudança. Mas logo após a dor, vem um grande alívio de se sentir livre. Naquele momento, me senti perdido e sem rumo e, ao mesmo tempo, liberto para recomeçar e traçar uma nova rota. Para entender melhor tudo isso, estudei as noções de impermanência, sofrimento (“Duka”) e

identidade, muito bem explicadas por Lama Samten em seu livro “Meditando a Vida”.

Ao olharmos para o passado, vemos que já tomamos várias decisões, seguimos objetivos quase cegamente, mas em certo momento tudo se desfez. Quando isso ocorreu, tivemos uma experiência próxima da perda de identidade, um colapso - parecia que a vida não era mais possível. Então elegemos novos referenciais e recomeçamos a nos movimentar. Aí respiramos - parecia estarmos vivos de novo. E seguimos novamente. Lá pelas tantas, os novos objetivos também se dissolvem, nossa identidade entra em outra crise, passamos por um bardo, ou seja, um estado intermediário, não sabemos bem o que queremos nem para onde vamos. Na sequência, tudo se reestrutura, ganha novo sentido, e vamos andando. (SAMTEN, 2001, p. 115)

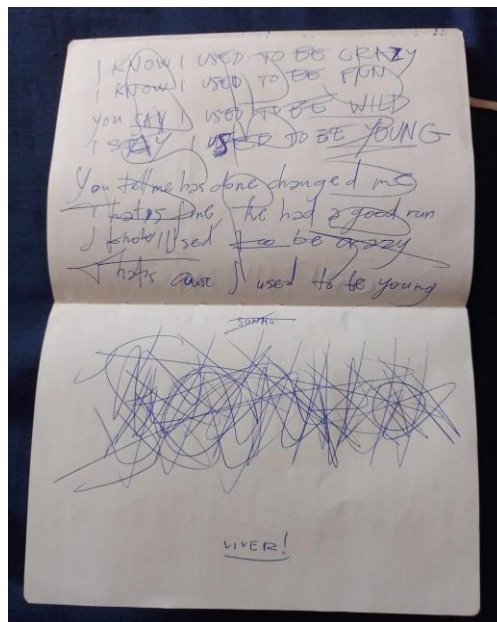


Figura 2: Trecho do meu caderno “Voyager” em que eu parafraseio a canção “Used to be young” de Miley Cyrus.

UMA ESTRELA NO PEITO, O UNIVERSO COMO UM PALCO: PERFORMANDO O NADA

Minhas vivências de transformação junto às práticas budistas somadas aos experimentos cênicos e estudos teóricos no retorno ao processo criativo de *Espectro* me instigaram a projetar uma performance como prolongamento do espetáculo performativo de *Espectro*. Pretendia que esta ação funcionasse como uma prática contemplativa e meditativa. Eu performaria então o silêncio,

o vazio, o escuro. A ação principal seria a corporificação de uma “não ação”, conceito evocado por Quilici (2015). A performance de *Espectro* seria a dança de uma sacola de plástico perdida no vento, o vôo de um dente-de-leão rumo a um pouso no horizonte.

A performance foi realizada em maio de 2024 no pôr-do-sol nas dunas da praia de Genipabu, na cidade de Extremoz/RN. Fiz um programa performativo com códigos combinados com três pessoas convidadas para participar da performance como produção e apoio, sendo uma delas a fotógrafa Titzzy que registrou toda a ação em belas imagens. Adotei a cor preta como visualidade principal para simbolizar o silêncio, o vazio, o mistério e a morte. Me pintei totalmente de preto e vesti alguns adereços também pretos.

Espectro como performance se organizou iniciando com sete minutos de meditação silenciosa. Em seguida, deixei que esse estado meditativo e a sensação causada pela atenção plena à respiração reverberassem em mim em movimentos leves e/ou fluidos. Em mais ou menos uma hora dançando o vazio do silêncio, pude experimentar em vida e em arte a impermanência dos seres e o movimento cíclico da Roda da Vida (QUILICI, 2015). Sem platéia, me apresentei para mim mesmo. Assisti mudo o espetáculo da minha transformação. Voei e finalmente pousei no horizonte.

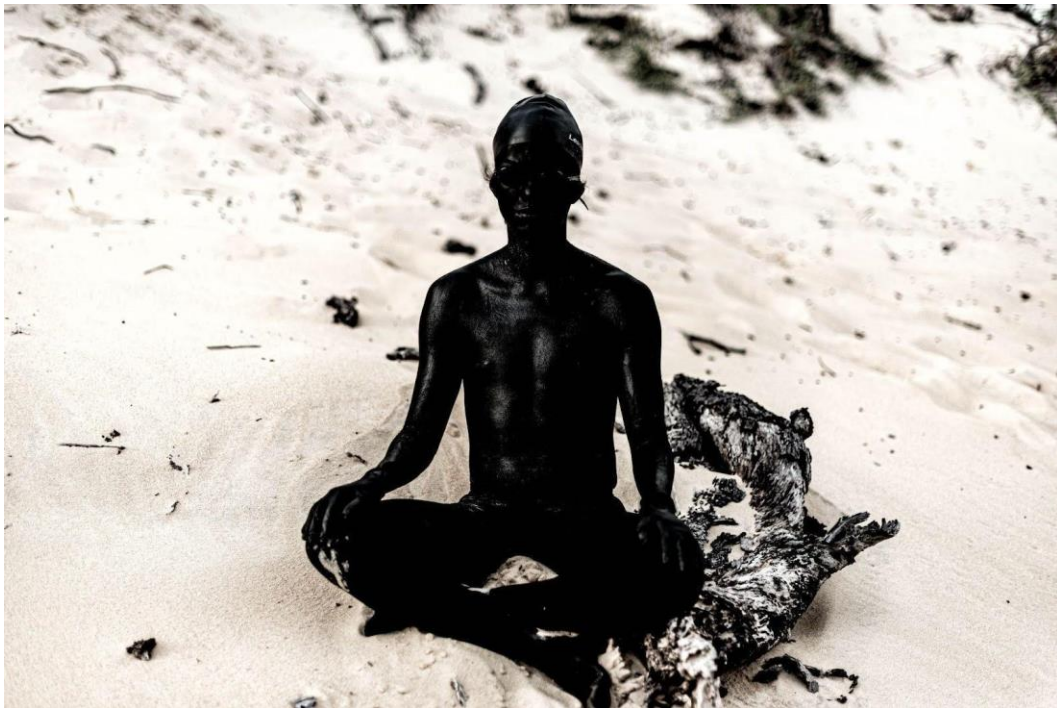


Figura 3: Registro da performance “Espectro” na praia de Genipabu. Extremoz/RN. 2024. Foto: Titzy



Figura 4: Registro da performance “Espectro” na praia de Genipabu. Extremoz/RN. 2024. Foto: Titzy



Figura 5: Registro da performance “Espectro” na praia de Genipabu. Extremoz/RN. 2024. Foto: Titzy



Figura 6: Registro da performance “Espectro” na praia de Genipabu. Extremoz/RN. 2024. Foto: Titzy



Figura 7: Registro da performance “Espectro” na praia de Genipabu. Extremoz/RN. 2024. Foto: Titzy



Figura 8: Registro da performance “Espectro” na praia de Genipabu. Extremoz/RN. 2024. Foto: Titzy

BIG CRUNCH: O FIM (?)

Assim como um possível fio invisível que possa costurar todas as nossas vidas ao universo, minha escrita performando em pensamento e em prática dá uma ordem a toda esta caótica poética em processo de criação. Marisa Monte sussurra um conselho em uma de suas músicas e diz: “faça sua dor dançar”. Transformar minha energia de furacão em brisa me fez ver no “yin-yang”^{ix} da vida toda a poesia e oportunidade de transformação através de algo tão drástico como um surto psicótico e um transtorno crônico.

Sempre defendi o poder que a arte tem em transformar o mundo. O processo criativo de *Espectro*, iniciado em 2016 e sem data para acabar, me leva para a perspectiva da arte contemporânea de olhar para dentro. Os performers apresentados por Quilici (2015) em seu livro, os quais experimentaram trazer para suas rotinas diárias o que eles estudavam em seus processos artísticos, me inspiraram a transformar minha rotina, a fim de que minha própria vida se tornasse parte da minha performance artística. Entendi que para começar a mudar o mundo, é preciso se permitir uma transformação de si.

REFERÊNCIAS

BEISERT, M. Acesso ao Insight - Budismo Theravada - glossário. Disponível em: <<https://www.acessoaoinsight.net/glossario.php.html>>. Acesso em: dez. 10DC.

BONFITTO, Matteo. O Ator Compositor. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRONDANI, Joice Aglae. (Org.) Grotowski: estados alterados de consciência - teatro, máscara, ritual. São Paulo: Giostri, 2015.

BRANCO, H. C. A contribuição do estudo do sistema Laban para o gestual do regente. Universidade Estadual de Londrina, p. 1-12, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/musica/pages/arquivos/LabanSimpemus.pdf> Acesso: 03 de abril de 2021.

CAPUTO, Irma . Escritas performativas: três estudos de caso brasileiros. REVISTA SOLETRAS, p. 26-52, 2023.

CHAMADA PARA EDIÇÃO N 48: CADERNOS DO GIPE-CIT - PRÁTICA COMO PESQUISA NAS ARTES DA CENA. [S. l.], 21 jun. 2022. Disponível em:

<http://www.ppgac.tea.ufba.br/pt/chamada-para-edicao-n-48-cadernos-do-gipe-cit-pratica-como-pesquisa-nas-artes-da-cena/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

DENCK, D. 9 gênios que sofreram com doenças mentais. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/medicina-e-psicologia/75260-9-genios-que-sofreram-com-doencas-mentais.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2024.

D'OTTAVIANO, Vinicius Sampaio. A LOUCURA E A ARTE. Argumento, Jundiaí, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 77-83, Agosto 2005.

ELÍBIO JR., A. M.; DE ALMEIDA, C. S. D. M.; LIMA, M. C. EDWARD SAID E O PÓS-COLONIALISMO. Sæculum - Revista de História, [S. l.], n. 29, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/19833>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FABIÃO, E. Programa performativo: o corpo-em-experiência. Revista do LUME, n. 4, 4 dez. 2013.

FAGUNDES, Patrícia. Caos e criação processos de ensaio. In: Anais VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. São Paulo. 2010.

FARANI, C. Precisamos falar sobre neurodiversidade. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-collab/2021/01/camila-farani-precisamos-falar-sobre-neurodiversidade/>>. Acesso em: 22 jul. 2024.

FERÁL, J. (2008). Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. Sala Preta, 8, 197-210.

FERNANDES, J. de M. A enunciação na encenação teatral. In: Estudos Semióticos, [S.l.], n. 2, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49164>. Acesso em: 11 abr. 2021.

GOMES, Lídia Àdjane. Transtorno Afetivo Bipolar: Uma Revisão Bibliográfica. Orientador: Prof. Dra. Vanessa Kava. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Genética para Professores do Ensino Médio, na modalidade de Ensino a Distância) - Universidade Federal do Paraná, [S. l.], 2015.

HADERCHPEK, Robson. O Teatro Ritual e os Estados Alterados de Consciência. São Paulo: Giostri, 2021.

HADERCHPEK, Robson Carlos. A Poética dos Elementos e a Imaginação Material nos Processos de Criação do Ator: Diálogos Latino-Americanos. In: Memória ABRACE XVI - Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Anais. Uberlândia (MG) UFU, 2017. p. 2645-2664.

HOLANDA, George Rocha. A autodireção como experiência criativa do ator. 2019. 144f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

JAMISON, Kay Redfield. Uma mente inquieta: memórias de loucura e instabilidade de humor. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 267p

KAPLAN, H.I; SADOCK, B.J. Compêndio de Psiquiatria- Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica. 11ª ed. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 2017.

LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. Tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-13, 2020.

Não-fazer no trabalho sobre si mesmo / Mariana Rosa e Silva Santos. Todas as Artes, Todos os Nomes II : II Congresso Internacional Lusófono . orto, Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2022,, pag. 62-68 NERY-FERNANDES, F.; MIRANDA-SCIPPA, .

RIBEIRO, A. O que tem nos discos das Voyagers? – Espaço do Conhecimento UFMG. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-que-tem-nos-discos-das-voyagers/>>. Acesso em: set. 30DC.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 187 p. Ilus.

PEREIRA, R. F. Transtorno Depressivo Maior - Interface Psicologia Clínica | Terapia Cognitivo Comportamental. Disponível em: <<https://nucleointerface.com.br/saude-mental/transtorno-depressivo-maior-tdm>>.

PROGRAMA LICOR: Roda de conversa - Prática como Pesquisa em Dança. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_MI3mKaBNNs&t=4146s. Acesso em: 21 jun. 2022.

QUILICI, Cassiano Sydow. O ator-performer e as poéticas da transformação de si. São Paulo: Annablume, 2015.

RAMME, Noéli. A arte e a vida: interseções. ArteFilosofia, [s. l.], 13 jul. 2022.

REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O que significa o yin-yang. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/11/o-que-significa-o-yin-yang>>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SAMTEN, Padma. Meditando a vida. São Paulo: Peirópolis, 2001.

SANTAELLA, Lúcia, O que é a Semiótica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SANTOS, G. C. Ribeiro D. O que é lugar de fala? Saúde em Debate, v. 43, n. SPE8, p. 360-362, 2019.

SCIALOM, Melina. Laboratório de Pesquisa: metodologia de pesquisa corporalizada em artes cênicas. Revista Brasileira de Estudos da Presença, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/issue/view/4230>. Acesso em: 21 jun. 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2016.

SIQUEIRA, Thulho Cezar Santos de. A experiência ritualística da cena: O teatro como educação sensível no Ensino Médio. 2019. 262 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Natal, RN, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27376> >. Acesso em: 19 set. 2024.

SOUZA, Mayra Montenegro de. O ator que canta um conto: a manipulação de parâmetros musicais na voz do ator. 2012. 143 f. (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

TELLES, Narciso (org.). Pesquisa em artes cênicas: textos e temas. Rio de Janeiro: [s. n.], 2012. 138 p.

VII CONGRESSO DA ABRACE, 2012, Porto Alegre/RS - Brasil. O artista-pesquisador e algumas questões de pesquisa em artes cênicas. [...]. [S. l.: s. n.], 2012.

X CONGRESSO ABRACE, 2015, Natal/RN - BRASIL. A Arte do Movimento na Prática como Pesquisa. [...]. [S. l.: s. n.], 2015.

ⁱ Robson Haderchpek é Bacharel em Artes Cênicas, Mestre e Doutor em Artes pela UNICAMP. Fez dois Pós-Doutorados, um na Universität für Musik und Darstellende Kunst Wien, Áustria (2014/2015) e outro no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA (2020/2021). Professor Associado do Curso de Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ. Professor colaborador no Doutorado em Ciências da Educação do Instituto Superior de Ciências de Educação do Sumbe, Angola. Membro dos Grupo de Pesquisa CIRANDAR, ÍMAN e Poéticas do Aprender. Diretor do Arkhétypos Grupo de Teatro. Foi presidente da ABRACE (2017-2018). Bolsista Produtividade CNPq.

ⁱⁱ Segundo Isa Ullmann: "Rudolf Laban nasceu na Bratislava, então pertencente à Hungria, em 1879. Por não aceitar o vazio existente nas peças de teatro e dança dessa época, trouxe para seu trabalho o resultado das próprias paixões e lutas interiores e sociais, representadas por personagens simbólicas ou estados de espírito puros, vividos através do movimento, utilizado de maneira mais espontânea e sempre como resultado consciente da união corpo-espírito. [...] Sua pesquisa e metodologia sobre o uso do movimento humano, pela profundidade e extensão, são hoje base para uma melhor compreensão do homem por meio do movimento,

modernamente utilizada nos mais diversos ramos da arte e da ciência: dança, teatro, educação, trabalho, psicologia, antropologia, etc. (in LABAN, 1978, p. 09-10).

ⁱⁱⁱ O espetáculo performativo é caracterizado pela [...] transformação do ator em performer, descrição dos acontecimentos da ação cênica em detrimento da representação ou de um jogo de ilusão, espetáculo centrado na imagem e na ação e não mais sobre o texto, apelo à uma receptividade do espectador de natureza essencialmente especular ou aos modos das percepções próprias da tecnologia [...] (FERÁL, 2008, p. 198)

^{iv} Segundo Haderchpek: “O Teatro Ritual surge de uma ação mágico-simbólica que é realizada pelo performer e que é redimensionada no tempo e no espaço na presença de um observador, que participa do ato ritualístico.” (2021, p.17)

^v A poética dos elementos é um procedimento de criação do Grupo Arkhétipos que nos permite acessar imagens do nosso inconsciente: “Quando consagramos nossa imaginação a um elemento, ou melhor, quando adentramos em uma prática laboratorial e acessamos as imagens decorrentes de um elemento (terra, água, fogo ou ar), acessamos as mitologias decorrentes deste elemento e abrimos espaço para que elas se manifestem no nosso corpo.” (HADERCHPEK, 2017, p.2659)

^{vi} “Dirigido por Sam Mendes, Beleza Americana é um filme norte-americano de drama, lançado em 1999, que arrebatou os corações do público. Um enorme sucesso entre os críticos, o longa-metragem venceu o Oscar de 2000 em diversas categorias, com destaque para Melhor Filme e Melhor Diretor.” Para mais informações consultar: <<https://www.culturagenial.com/beleza-americana-analise-e-resumo-do-filme/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

^{vii} “As sondas espaciais Voyager 1 e 2 foram lançadas em 5 de setembro de 1977 e 20 de agosto de 1977, respectivamente. Projetadas pela NASA (National Aeronautics and Space Administration), as viajantes fizeram um tour pelos planetas Júpiter, Saturno, Urano e Netuno; por 48 luas destes 4 planetas; e o sistema de anéis que esses planetas possuem.” Para mais informações consultar: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-que-tem-nos-discos-das-voyagers/>>. Acesso em: set. 30DC.

^{viii} O Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB) foi criado em 1986, em Porto Alegre, com o nome de Centro de Estudos Budistas (CEB), pelo então professor universitário Alfredo Aveline. Foi ao perceber a preciosidade dos textos budistas que Aveline, praticante Zen desde a década de 70, sentiu vontade de compartilhar os ensinamentos do Buda e fundou o CEB.” Para mais informações consultar: <<https://cebb.org.br/sobre-o-cebb/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

^{ix} “Yin-yang é um conceito baseado na dualidade de tudo o que existe no universo, de acordo com o taoísmo, filosofia em que ele é gerado. Trata-se de duas forças opostas e complementares fundamentais encontradas em todas as coisas”. Tal dicotomia é fundamental para compreender a mentalidade e a cultura chinesa. No caso “o yin é o princípio feminino, a terra, a escuridão, a passividade e a absorção. O yang é o princípio masculino, o céu, a luz, a atividade e a penetração”. (REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2022)